

## ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE DIONÍSIO CERQUEIRA EM REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI

Alisolete Antônia dos Santos Weingartner

Dionísio, na fase de sua maturidade intelectual e política, faz uma leitura do passado, na qual sua história de vida confunde-se com a Campanha do Paraguai, e com as posteriores transformações sócio-políticas ocorridas no país e vivenciadas por ele.

*“Os escritores de memórias consideram as suas vidas dignas de serem recordadas porque são, a seus próprios olhos, pessoas que tomaram decisões e que exerceram, ou se presume que tenham exercido, uma influência mais ou menos vasta e que mudaram de forma evidente, parte do seu mundo social”<sup>1</sup>.*

Entretanto, para respaldar suas lembranças, o memorelista busca confirmação, apoio e informação no grupo com o qual convive. Extrai desse grupo idéias e lembranças, as quais são tomadas como se fossem suas.

*“O memoralista vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação, quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que o conheceram”<sup>2</sup>.*

---

<sup>1</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras : Cetta Editora, 1993. p. 23.

<sup>2</sup> BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo : T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 332-333.

O memorialista extrai e assimila, desse grupo, idéias e lembranças que passam a ter uma história dentro dele; essas lembranças são enriquecidas com suas experiências. O narrador pode ser fortemente influenciado pela memória coletiva, entretanto, sua individualidade lhe permite retirar das diferentes e diversas camadas do passado, das quais tem acesso, lembranças que lhe são significativas, isto é, que tenham uma importância dentro de sua história pessoal e com as quais quer ser “perpetuado” como modelo de vida. Evoca *“lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual”*<sup>3</sup>.

Dionísio Cerqueira, em *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, narra suas histórias não como o adolescente que se alistou para ir “desafrontar a pátria”<sup>4</sup>, mas como o velho general e político que olha para seu passado de jovem soldado. Sua narrativa inicia com seu alistamento como soldado voluntário, em 2 de janeiro de 1865, e conclui o relato com o seu retorno, em junho de 1870, como tenente de infantaria.

Apesar desse corte, a temporalidade, na sua narrativa, não obedece a uma seqüência cronológica lógica. E ele justifica essa subjetividade argumentando que:

*“Foram cinco anos de rudeza extrema. Nunca lhes sobram lazeres para escrever diários, nem possuía ementários para apontar o que ia sucedendo. Se tentasse fazê-lo, certamente tudo se perderia, tais os percalços da vida. Guardou a lembranças dos lugares, dos homens e dos seus feitos. São reminiscências semi-apagadas de tempos remotos, escrita à luz, bruxoleante de cansada memória”*<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> BOSI, Ecléia, op cit, p. 335.

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Dionísio Cerqueira, para justificar a declaração de guerra ao Paraguai.

<sup>5</sup> CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. p. 47.

Ele afirma que a memória estava cansada e, por isso, muitas vezes, não conseguia definir com exatidão todos os acontecimentos dos quais foi testemunha. Dionísio narra: “*Não guardo lembranças viva de grande número dos nossos acampamentos a ponto de distingui-los. Quase todos confundem-se na minha memória, lembro-me de alguns, que me deixaram impressões indeléveis*”<sup>6</sup>.

A subjetividade do tempo, na narrativa dos vestígios recolhidos por ele, no seu passado, é, também, resultado de sua convivência com os vários grupos dos quais ele fazia parte: familiar, político, militar, religioso; cada grupo vive diferentemente o tempo e este não corre com a mesma exatidão para cada grupo. E ainda, cada geração desses grupos, particularmente os militares, tinha, da guerra, a memória de acontecimentos que permaneciam como pontos de demarcação em sua história.

Em suma, a temporalidade, na sua narrativa, é subvertida para dar ênfase às lembranças que evidenciam a importância da disciplina, da honra, do patriotismo como fundamentos da formação política dos militares. Dionísio escreve suas memórias no momento histórico em que se discutia a valorização da classe militar (generais) e a participação, desse grupo, no processo político do país. Por isso a subjetividade aparece, também, na seleção das suas lembranças. Essa seleção, marcada pela ideologia militar, ocorre e é definida no seu presente.

Nos trinta e dois (32) capítulos das Reminiscências da Campanha do Paraguai, Dionísio Cerqueira narra as lembranças que considerou importantes para sua história de vida como modelo de juventude; ao mesmo tempo, nessas lembranças, ele enfatiza as ações dos militares, para que a sociedade (nação) as recordem e as sigam como exemplos de patriotismo. Essas lembranças são conjuntos de fragmentos, nos quais ele destaca as virtudes básicas para a formação do homem político (general) e daqueles outros que vivem sob o

---

<sup>6</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 105.

comando desse homem.

A sua história de vida não relembra as fases da sua infância na Bahia, ela começa a ser contada a partir de 1864, quando contava com 17 anos e era estudante civil da Escola Central, no Rio de Janeiro. Essa Escola, dirigida por um general, admitia alunos civis e militares, filhos de famílias tradicionais; ela, na formação dos alunos, além da austera formação intelectual incluía também instruções militares.

Quando iniciou a guerra, Dionísio afirma que foi envolvido por um ardor patriótico, que se acentuou ao ver seus colegas da Escola Militar, *“em ordem de marcha, carregando garbosos a carabina com que iam defender a pátria; achei-os admiráveis, tive tanta inveja, que não pude mais abrir um livro”*<sup>7</sup>. Em seguida alista-se para servir a pátria que *“reclamava o sangue dos filhos para sua desafronta”*<sup>8</sup>.

O seu “ardor patriótico” leva-o, em janeiro de 1865, a apresentar-se ao Major Elesbão, secretário do General Caldwell. No seu primeiro contato com a vida militar ele enfrenta um tratamento que, segundo ele, não condizia com a sua posição social; Dionísio critica esse tratamento narrando:

*“Aquele oficial superior do exército não ligava importância alguma ao ato de abnegação que eu estava praticando. Entre meus colegas, meus professores e amigos de minha família, eu era considerado, estimado e trato de igual para igual. Ali, no quartel general, onde ia depor as minhas oferendas no altar da pátria, diziam a um cabo brutal e analfabeto, apontado desdenhosamente para mim: Leva este homem”*<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 51.

<sup>8</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 51.

<sup>9</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 52.

Ao mesmo tempo que ele critica a atitude do oficial, ele o desculpa afirmando que: *“Ainda não conhecia o valor da obediência e da subordinação militar, sem as quais não pode haver nem honra, nem grandezas para o soldado”*<sup>10</sup>.

O que Dionísio deixa transparecer na sua narrativa é que o ardor patriótico deveria ser respeitado, porque, naquele momento, era o patriotismo que ele conhecia e que representava os valores adquiridos na família e na escola. Portanto, o oficial podia ser austero, até severo, mas deveria ser educado, porque a educação é a virtude básica na formação do homem. Percebe-se, também, que o ato dele deixar a roupa de paisano, a casa onde morou, ele se despede da vida civil para assumir a vida militar com sua severa disciplina e obediência à hierarquia. Para isso, ele teria que percorrer *“longos anos na carreira militar para chegar à altura dos generais, cuja alta missão era conduzi-los à vitória e prepará-los para a função política, considerada a mais nobre que um homem de guerra podia aspirar”*<sup>11</sup>.

No seu relato, Dionísio considera-se capacitado a essa aspiração, porque ele tinha uma virtude, trazida da família, que era a educação, e essa virtude lhe permitiria assimilar as outras virtudes que caracterizavam a carreira militar.

O início de sua ascensão à carreira militar é lembrada com orgulho conforme pode-se observar no relato de seu vigésimo terceiro combate, a batalha de Campo Grande, cujo comandante foi o Príncipe (Conde D’Eu), *“a derrota foi completa, o campo ficou cheio de mortos e feridos do inimigo, entre os quais causavam-nos grande pena”*<sup>12</sup>. Em seguida, é promovido a tenente em reconhecimento à sua participação no combate. Porém, é sua promoção a alferes que ele mais se orgulha, conforme mostra nesta exposição:

---

<sup>10</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 54.

<sup>11</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 113.

<sup>12</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 390.

*“O Osório me fez alferes e tirou-me do meio da soldadesca do meu batalhão, o Doze, onde eu sentia revoltado com superioridade daqueles veteranos mais fortes do que eu, e com os labores fatigantes da vida de praça de pré em campanha. Orgulhei-me mais com o elogio que me fez o Deodoro”*<sup>13</sup>.

Ele expõe, como representante da elite militar, descendente de famílias tradicionais. Ao relatar no plural sua ascensão na hierarquia militar, ao mesmo tempo que fala de si, quer demonstrar uma modéstia e respeito à hierarquia militar e harmonia de interesses entre aqueles que formavam essa elite, conforme pode-se observar nessa narrativa:

*“Nossa rápida carreira não devia causar inveja a ninguém tampouco enfraquecia-nos o ânimo a notória falta de recompensas ao nosso glorioso batalhão. Nessa época de glórias nenhum de nós pensava no seu eu. As nossas fés de ofício enchiam-se de elogios que, hoje parecem exagerados”*<sup>14</sup>.

Nesta descrição, “fés de ofício” são os valores fundamentais da formação militar e da preparação deste militar (general) para o exercício da política.

Ao contar suas reminiscências ele não esconde sua posição social e o lado que está na política. Ao longo de sua narrativa, ele destaca as dificuldades enfrentadas pelo grupo de soldados formados pelos filhos de famílias tradicionais, dos quais ele é um, e pelo grupo de soldados formados por mestiços e negros. Aponta que a superação dessas dificuldades estava estreitamente ligada à assimilação e vivência das virtudes militares (obediência à hierarquia, disciplina, honra e patriotismo). Portanto, todos os militares que, com disciplina,

---

<sup>13</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 390.

<sup>14</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 390.

coragem e patriotismo suportassem as intempéries, o terreno desconhecido e inóspito, a malária, o cólera, a varíola, a luta, a morte do companheiro, a dor de um ferimento, estariam preparados para a vida militar e alguns para o exercício da política.

Com seu olhar de general, ele tece as recordações e faz observações e críticas ao grupo de soldados (mestiços e negros):

*“Os soldados, rudes camaradas, sempre rodeados de perigos passavam a vida aspérrima, sorrindo e cantando, cheios de ardor nos combates, e de fé, no seu Deus de amor e de infinita misericórdia. Mas esses soldados falavam blasfêmias de arrepiar os cabelos e usavam uma gíria muito pitoresca, vedada aos profanos”<sup>15</sup>.*

Ele os admirava como companheiros de luta, porque esses soldados tinham fé em Deus (outra virtude importante), eles eram bons (disciplinados, obedientes à hierarquia militar), eram bravos (corajosos e patriotas). Embora esses soldados demonstrassem coragem e patriotismo, Dionísio não se identificava com eles porque eram *“ignorantes e sem educação”*.

Ao mesmo tempo, ele ameniza as críticas, dizendo que orgulhava-se de ter sido testemunha da abnegação, do patriotismo, do valor daqueles que *“derramavam o sangue pela pátria, sem preocupação de glória, só por amor à bandeira, estão formando a guarda de honra dos generais ilustres que os levaram à vitória e cujas sombras augustas pairam na imortalidade”<sup>16</sup>.*

Para Dionísio, os soldados, “heróis ignorados”, lutaram na guerra com bravura e patriotismo, porque aprenderam com os generais que *“a vida militar dá hábito de ordem, ensina a disciplina, inocula o respeito à lei, e faz mais intenso o amor à glória da pátria”<sup>17</sup>,* por

---

<sup>15</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 281; 171.

<sup>16</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 48.

isso mereciam o lugar de “guarda de honra”. Evidencia, também, que nem todos os soldados, dos diferentes grupos sociais, que participaram da Campanha, tornar-se-iam oficiais. Ele acentua sua posição social e política ao enaltecer as ações dos oficiais comandantes. Conforme pode-se observar quando ele ressalta a personalidade de Severino Fonseca, destacando que esse oficial:

*“Era bom e estimado de todos pelo seu valor, erudição e amor à disciplina. Gozava de muito prestígio entre os camaradas. Os superiores queriam-no, porque contavam com ele para os lances difíceis e os subordinados sabiam que jamais lhe faltaria com a justiça”*<sup>18</sup>.

Do general Osório, ele diz:

*“Surgia como um semi-deus nos momentos mais críticos, levando consigo a vitória. Nossa infantaria avançou galvanizada por esse homem, imensamente amado e levou até as profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram à horrorosa hecatombe”*<sup>19</sup>.

Orgulha-se em ter no general Sampaio seu modelo de caráter e nobreza. Enaltece, também, aqueles que morreram em combate:

*“Os nossos batalhões e os aliados voltaram dizimados. O Fontoura, tenente do Estado Maior, lá ficou. O bravo coronel Palejas caiu no campo de honra à frente do seu batalhão que avançava bravamente varrido pela metralha, o qual tombou mortalmente ferido o heróico chefe”*<sup>20</sup>.

Para Dionísio, todos esses oficiais eram exemplos a serem seguidos por todos os soldados (os rudes e os oficiais subalternos).

---

<sup>17</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 113.

<sup>18</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 122.

<sup>19</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 187.

<sup>20</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 200.

Percebe-se que, para ele, cada batalha vencida, cada dificuldade superada propiciava aos militares uma condição de nobreza. A nobreza dos generais estava no comando firme e vitorioso exemplificado na honra, na disciplina e no patriotismo, a nobreza do soldado estava na coragem, disciplina, obediência à hierarquia militar. Conforme pode-se observar nesse relato:

*“Ao ver a abnegação daquela soldadesca, o estoicismo com que ia vencendo as agruras da vida e o bom humor que explodia em boas pilheiras e o orgulho de vestir a farda do Brasil, ninguém podia duvidar da vitória da nossa causa. Havíamos de triunfar, porque queríamos”*<sup>21</sup>.

Referindo-se às atividades do comandante das forças brasileiras, Dionísio depara com a ação da Justiça Militar e seu efeito na formação militar dos soldados e dos oficiais subalternos. Ele conta:

*“Foi durante a estada no acampamento de Cuencas, afluente do Corrientes, ouvimos o sinal de comando em chefe e toque de reunir. Clarins e corneteiros avançavam empunhando as elásticas espadas de prancha, seguidos de escolta dois soldados moços, brancos, esbeltos e fortes. Um capelão e um médico completavam aquele grupo”*<sup>22</sup>.

Segundo ele, os dois soldados seriam castigados por terem atacado um oficial estrangeiro. O crime estava previsto no artigo 18 do Código de Guerra. Era primeira a vez que ele assistiria à aplicação da Justiça sem a sanção do Imperador.

Ele narrando como general, Justiça a ação do comandante dizendo que:

*“A demora enfraquece a autoridade, o processo arrasta-se em longas discussões forenses, com isso, são esquecidos*

---

<sup>21</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 113.

<sup>22</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 105, 106.

*e postos à margem os nobres preceitos disciplinares; torna-se ridículo, e ofende o que a vida militar tem de mais belo e nobre e que constitui a sua grandeza: a disciplina, a subordinação e o respeito mútuo entre superiores e inferiores”<sup>23</sup>.*

Nessa sua descrição ele emite uma opinião que é resultado da filtragem dos fragmentos de suas lembranças e, ao mesmo tempo, mostra uma influência da memória coletiva (grupo dos militares) na sua memória pessoal.

Ele deixa claro na sua exposição que os generais, depois de tantas vitórias no campo de batalha, estavam preparados para o exercício da Justiça sem o aval do Imperador, e ainda a Justiça Militar devia ser severa. Ao relatar a aplicação do castigo, Dionísio coloca-se como se fosse, ainda, o jovem militar que assistia junto aos companheiros com espanto o desenrolar da Justiça.

*“Contávamos cinqüenta pranchadas. O castigo não parou! O querido general exorbitava! Cada um daqueles milheiros de homens que presenciavam o lutuoso espetáculo, a lei estava sendo violada, mas não ousava dizê-lo ao camarada ao lado. Continuou o suplício. Ouvia-se de vez em quando um estertor do organizante. E as espadas continuavam a bater, vibradas por braços sem vontade, mas com muita força”<sup>24</sup>.*

Os lamentos e protestos permaneciam no interior da alma, Dionísio agüentou firme e mudo o suplício dos dois soldados, porque a disciplina, a subordinação e o respeito mútuo entre superiores e inferiores são os fundamentos da honra, que é a virtude que norteia a vida militar. Por isso não ousou criticar o general; os executores do

---

<sup>23</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 106.

<sup>24</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 106, 117.

castigo, embora os braços não tivessem vontade, batiam com força em obediência à ordem do comandante; os soldados castigados, embora fossem “hércules”, faltou-lhe a honra, porque agrediram um superior.

Segundo Dionísio, a partir dessas execuções, e no transcorrer da guerra, os generais passaram a exercer a Justiça sem a prévia autorização do Imperador.

Aponta esse relato que os generais colocam-se no mesmo patamar de poder de Justiça que outrora era prerrogativa exclusiva do Imperador. Esses militares consideram-se guardiães da pátria brasileira, portanto, estavam prontos para o exercício do poder político, porque eles adquiriram nobreza, virtude conquistada no campo de batalha, a qual os diferenciavam daquela representada pela família real.

Narrando como general e representante da Justiça, ele externa seu julgamento sobre as ações e reações dos soldados paraguaios durante os confrontos com a tropa brasileira, destacando:

*“A fuzilaria dos nossos ia rareando as fileiras inimigas; a metralha ceifava pelotões inteiros, e a baioneta sabia, ou não, rasgava rangendo as carnes sadias dos paraguaios heróicos, defensores obstinados do Supremo. Obedecendo ao sentimento religioso, que minha mãe me inoculava no coração, prostei-me e rezei pelos nossos compatriotas heróicos, pelos valentes soldados do ditador, adversários irmanados no seio da morte, igualmente dignos da prece de um crente”<sup>25</sup>.*

Conclui-se que, para ele, a fé e a piedade religiosa são virtudes adquiridas na família, as quais são importantes na formação do homem. Ele admite que os paraguaios demonstram essas virtudes no campo de batalha, conforme pode-se observar nessa narrativa, “paraguaios, dois a dois, passavam ao longe carregando feridos e mortos.

---

<sup>25</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 135, 136.

*Respeitei aquele piedoso serviço*<sup>26</sup>.

Ele admira a religiosidade e o heroísmo do soldado paraguaio, mas faz ressalva, esse soldado tinha como comandante um tirano. Esse comando, segundo ele, maculava os valores que o soldado paraguaio tinha, portanto, a guerra era contra o ditador Solano Lopes, conforme pode-se constatar nessa sua recordação:

*“Após a conquista da ilha Itapirú, a mesma recebe o nome de ilha da Redenção, porque foi ali que o exército de Osório pelejou pela primeira vez para libertar um povo nobre do jugo de uma série de tiranos truculentos”*<sup>27</sup>.

Esse seu relato demonstra sua posição política, pois, ao escrever suas memórias 40 anos depois da guerra, as relações do Brasil com o Paraguai estavam em outro nível, por isso ele aponta Solano Lopes como único culpado da guerra.

Em suma, o governo republicano precisava manter boas relações com seus vizinhos, mas isso era difícil com o Paraguai, tendo em vista as conseqüências catastróficas da guerra. E como Dionísio, com suas memórias, pretende evidenciar a importância da educação, fé religiosa, honra, disciplina e patriotismo como modelo de comportamento político, ele estende os elogios ao soldado, colocando-o como representante do povo paraguaio. Segundo ele, o exército brasileiro libertou esse povo do jugo de Solano Lopes. Ameniza as atrocidades das ações do exército brasileiro mostrando sua piedade religiosa, rezando pelos “corajosos soldados paraguaios”. E ainda, essa verdade histórica que ele expressa nas suas lembranças, na época em que foi escrita, predominava a forte influência dos militares na sociedade, isso pode ter impedido ou dificultado que outros grupos sociais contestassem sua verdade histórica.

---

<sup>26</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 200.

<sup>27</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 137.

Percebe-se que o relato de Dionísio “*não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ele o tece até atingir uma forma boa*”<sup>28</sup>. Ao tecer suas lembranças destaca, em todas as passagens narradas, os valores que ele quer deixar como modelo para a juventude e para a sociedade.

Nas suas reminiscências, nota-se que várias famílias, de diferentes classes sociais, tiveram ou conheceram alguém que lutou na guerra. Portanto, a Campanha do Paraguai era um acontecimento conhecido e vivido por uma parte da sociedade. E “*a nova comemoração nacional deveria levar em linha de conta o que o povo já recordava do seu país*”<sup>29</sup>.

Nota-se que o Dionísio reinventa a guerra do Paraguai, para que a sociedade a recorde e reconheça que a Campanha possibilitou aos militares adquirir nobreza, habilitando-os ao exército do poder político. Ele enfatiza que “*em um Estado a melhor situação é aquela em que o generalíssimo e o político estão reunidos na pessoa do seu chefe*”<sup>30</sup>. Aqui ele sugere o governo ideal, ou melhor, ele escreve como um general republicano, que busca no passado a legitimação das ações políticas dos militares:

*“Os nossos maiores homens de guerra foram chefes políticos eminentes: Caxias, Osório, Porto Alegre, Polidoro, Pelotas. Muitos confundem a verdadeira política, a nobre, patriótica, árdua e bela arte de governar, com politicagem mesquinha e baixa, que vicia o caráter e entorpece o progresso. Desta o militar deve fugir com horror”*<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> BOSI, Ecléia. op. cit. p. 46.

<sup>29</sup> FENTRESS, James & WICKHAN, Chris. Memórias de classe e de grupo nas sociedades ocidentais. In: *Memória social* - novas perspectivas sobre o passado. Trad. Telma Costor. Lisboa : Teorema, 1994. p. 161.

<sup>30</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 113.

<sup>31</sup> CERQUEIRA, Dionísio, op cit, p. 113.

Ele os compara com Alexandre, Cézár, Frederico e Napoleão.

Suas reminiscências induzem a sociedade a reconhecer e reverenciar as “glórias militares”, esse reconhecimento, aliado ao ufanismo patriótico, a levaria romper com o passado colonial, porque esse passado representava, segundo ele, um período de politicagem, que dificultava o progresso. E, ainda, ele aponta que os generais comandaram a criação de uma nova nação, porque esses brasileiros natos foram capazes de defendê-la com honra e patriotismo.

Em síntese, ele recorda como um general republicano, que representa uma classe média, da qual é porta voz, na construção da memória nacional. Essa memória seria norteada pelos ideais militares, para que a nação tivesse ordem e progresso.

## BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo : T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. “A quoi present les historiens” e “La memória vive des historiens”. “Entretien avec Pierre Vilar”. In: *Passes Recomposes*. Champs e chantiers de Histoire. Paris : Autrement, 1995. p. 13-53 e 263-293.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro : Biblioteca Militar, S/D.

CONNERTON, Paul. “A memória social”. In: *Como as sociedades recordam*. Oeiras : Cetta Editora, 1993. p. 7-48.

- FENTRESS, James & WICKHAN, Chris. Memórias de classe e de grupo nas sociedades ocidentais. In: *Memória social* - novas perspectivas sobre o passado. Trad. Telma Costor. Lisboa : Teorema, 1994. p. 111-175.
- HABBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo : Edições Vértice, 1990.
- HOBSBAUOM, Eric J. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. *Revista Novos Estudos*. CEBRAP, nº 43, nov/95, p. 103-112.
- WHITROW, G. J. *O tempo na história*. Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro : Jorge Zahar. Ed., 1993.